

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E SUAS CORRELAÇÕES ENTRE IDADE, COR E ESCOLARIDADE: EM FOCO O MUNICÍPIO DE MOSSORÓ

RESUMO

A adolescência compreende o intervalo entre os 10 aos 19 anos de idade, sendo caracterizada, principalmente, pela transição da infância para a fase adulta, desenvolvimento corporal, início e maturação dos caracteres sexuais, e mental, formação da personalidade e criação de identidade do indivíduo, marcando o início da vida sexual de muitas mulheres, fazendo com que elas se tornem vulneráveis a comportamentos de risco como a relação sexual desprotegida. Este artigo foi produzido por um estudo ecológico por meio da coleta de dados disponíveis no Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC), no portal do Sistema Único de Saúde (SUS). Os dados utilizados são de 2021. A pesquisa teve o objetivo de verificar a proporção de nascidos vivos de mães adolescentes na cidade de Mossoró-RN buscando correlações entre idade, cor e escolaridade. É indiscutível a preocupação que os dados geram para a saúde pública, haja vista os prejuízos e consequências a partir de casos da gravidez precoce, tanto para as mães quanto para os recém-nascidos.

Palavras-chave: Adolescência. Gravidez. Idade. Cor. Escolaridade.

TEENAGE PREGNANCY AND ITS CORRELATIONS WITH AGE, COLOR AND SCHOOLING: A FOCUS ON THE MUNICIPALITY OF MOSSORÓ

ABSTRACT

Adolescence is the period between the ages of 10 and 19 and is mainly characterized by the transition from childhood to adulthood, bodily development, the beginning and maturation of sexual and mental characteristics, personality formation and the creation of an individual's identity, marking the beginning of many women's sexual lives, making them vulnerable to risky behavior such as unprotected sex. This article was produced through an ecological study by collecting data from the Live Birth Information System (SINASC), which is available on the Unified Health System (SUS) portal. The data used is from 2021. The aim of the study was to verify the proportion of live births to adolescent mothers in the city of Mossoró-RN, looking for correlations between age, color and schooling. The concern that the data generates for public health is evident, given the harm and consequences of early pregnancies, both for mothers and newborns.

Keywords: Adolescence. Pregnancy. Age. Color. Schooling.

Me. Cayo Riketh Medeiros de Oliveira
Faculdade de Enfermagem e de Medicina Nova
Esperança, FACENE, Brasil



Déborah Lanna Marinho Vaz
Faculdade de Enfermagem e de Medicina Nova
Esperança, FACENE, Brasil

Esp. Déborah Paula Paiva
Faculdade de Enfermagem e de Medicina Nova
Esperança, FACENE, Brasil



Francisca Helena Rodrigues Rebouças
Faculdade de Enfermagem e de Medicina Nova
Esperança, FACENE, Brasil

Gabriela da Silva Santos
Faculdade de Enfermagem e de Medicina Nova
Esperança, FACENE, Brasil

**Esp. Gladston Vasconcelos Bezerra
Carneiro**
Faculdade de Enfermagem e de Medicina Nova
Esperança, FACENE, Brasil
gladstonquixa@hotmail.com



João Pedro Maia Rocha Loureiro Silva
Faculdade de Enfermagem e de Medicina Nova
Esperança, FACENE, Brasil

Maria Giovanna Rocha Giancioppo
Faculdade de Enfermagem e de Medicina Nova
Esperança, FACENE, Brasil

Maria Hudávia Gurgel da Nóbrega Pereira
Faculdade de Enfermagem e de Medicina Nova
Esperança, FACENE, Brasil

Dra. Ana Paula Nunes de Lima Fernandes
Faculdade de Enfermagem e de Medicina Nova
Esperança, FACENE, Brasil



Me. Ana Katarina Dias de Oliveira
Faculdade de Enfermagem e de Medicina Nova
Esperança, FACENE, Brasil



1 INTRODUÇÃO

A adolescência, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), compreende o intervalo entre os 10 aos 19 anos de idade de um indivíduo. Essa fase é caracterizada, principalmente, pela transição da infância para a fase adulta, composta pelo desenvolvimento corporal, início e maturação dos caracteres sexuais, e mental, formação da personalidade e criação de identidade do indivíduo (Yazlle, 2006).

Esse período marca, por diversas vezes, o início da vida sexual de muitas mulheres. Essa exposição faz com que tais elas tornem-se vulneráveis a comportamentos de risco como a relação sexual desprotegida, que ocorre principalmente pela não utilização de métodos contraceptivos. Muito se estuda sobre o motivo desse desuso e sabe-se que perpassa muito âmbitos seja por problemas ideológicos, aspectos culturais, econômicos, sociais ou até mesmo familiares (Yazlle, 2006).

Apesar da grande difusão desse tema e de ações que contribuíram para a redução considerável da incidência de gravidez não planejada na adolescência, por meio das políticas públicas de educação em saúde e da distribuição de métodos contraceptivos de forma gratuita nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), dados do Ministério da Saúde (MS) revelam que, cerca de 45% a 60% dos adolescentes brasileiros iniciam a vida sexual sem nenhum método contraceptivo, o que gera um elevado índice de gravidez indesejada durante o período da adolescência, além do risco de transmissão de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) (Martins, 2008).

Estudos relatam ainda que os maiores índices desse fenômeno ocorrem em mulheres de renda mais baixa e com um menor nível de escolaridade. Esses números são intensificados quando se referem a mulheres de cor negra, ressaltando a influência de diversos fatores que interferem nesse evento. Dentre eles, destaca-se a frágil estrutura de suporte e orientação familiar, assim como a imaturidade psicológica, biológica e, por vezes, social das mulheres nas quais ocorrem a gravidez não planejada no período da adolescência (Henshaw, 1997)

Assim sendo, o objetivo desse estudo é verificar a proporção de nascidos vivos de mães adolescentes na cidade de Mossoró-RN, no período de janeiro a dezembro de 2021, buscando analisar sua correlação com os indicadores dessas mães adolescentes que se autodefiniram pardas e/ou pretas com grau de escolaridade inferior a 11 anos no mesmo período e espaço.

2 MÉTODO

Para a produção deste artigo foi realizado um estudo ecológico¹ por meio da coleta de dados disponíveis no Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC), que se encontra no portal do Sistema Único de Saúde (SUS). Os dados utilizados são os preliminares de 2021, tendo em vista que esta foi a última atualização do sistema, até a produção deste estudo, em novembro de 2022. Dessa forma, utilizamos a atualização mais recente realizada pelo sistema de dados do DATASUS, canal das informações oficiais sobre a saúde pública brasileira, que estava disponível no mês de novembro do ano de 2022.

Esses dados preliminares foram divulgados no mês de agosto do ano de 2021, logo, não foram incluídos os dados referentes aos meses de setembro, outubro, novembro e dezembro do ano acima citado. Dessa forma, é importante ressaltar que existem números ainda maiores a serem estimados para o ano de 2021.

A unidade de análise selecionada foi o município de Mossoró, que está localizado no interior do Estado do Rio Grande do Norte (RN). O município, conhecido como a capital do

¹ Estudo voltado para a avaliação de problemas em grupos populacionais. Nesse tipo de estudo não se aborda sobre doenças ou exposições individuais, tendo como uma de suas principais vantagens a possibilidade de examinar associações entre exposição e doença/condição na coletividade (Lima-Costa; Barreto, 2003). Neste artigo a coletividade é o total de adolescentes grávidas no município de Mossoró no ano de 2021.

oeste potiguar, ocupa uma área de aproximadamente 2.100km², o que o torna o maior município do estado em área. Localiza-se há 281km da capital do estado, Natal. Possui 303.792 habitantes segundo a estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do ano de 2021.

Foram incluídas no estudo mulheres na faixa etária dos 10 aos 19 anos de idade (adolescentes) que tiveram filhos nascidos vivos no município de Mossoró-RN no ano de 2021, cujas informações referentes à idade, autodeclaração de raça/cor e escolaridade estavam disponíveis no SINASC por meio da Declaração de Nascido Vivo (DN).

Neste estudo, não foram inseridos os dados de mulheres, que adolescentes, tiveram filhos nascidos mortos (natimortos), assim como aquelas que não disponibilizaram seus dados acerca das variantes estudadas, ou seja, não declararam sua raça/cor e não souberam informar o grau de escolaridade.

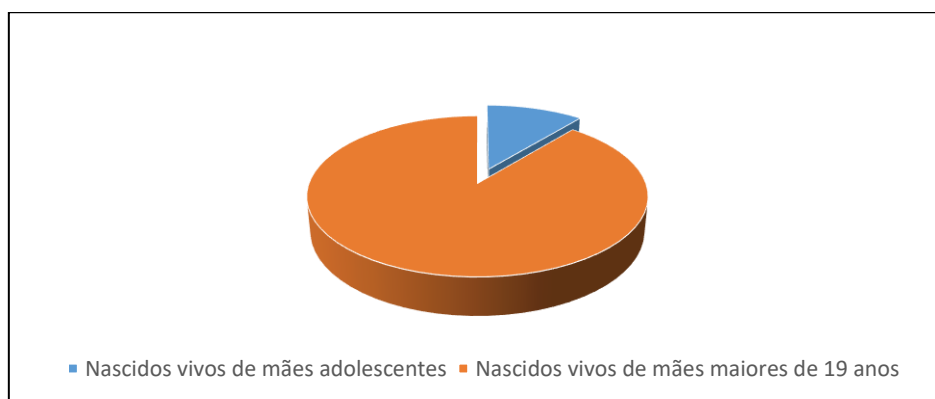
É importante ressaltar que as fontes de dados utilizadas neste estudo são de domínio público confiáveis e acessíveis aos estudiosos e/ou sujeitos interessados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo, esta pesquisa, o objetivo de verificar a proporção de nascidos vivos de mães adolescentes na cidade de Mossoró-RN, no período de janeiro a dezembro de 2021, buscando analisar sua correlação com os indicadores dessas mães adolescentes que se autodefiniram pardas e/ou pretas com grau de escolaridade inferior a 11 anos no mesmo período e espaço, fomos esquadrihar no SINASC esses dados.

Em um primeiro momento, constatamos que no município de Mossoró, no ano pesquisado, foram registrados um total de 3.518 nascidos vivos. Deste absoluto, percebemos que 385 são filhos de mães com uma idade inferior a 19 anos. O que nos leva a entender que 10,94% das crianças que nasceram no município de Mossoró no ano de 2021 são filhos de mães adolescentes, conforme ilustramos no gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Nascidos vivos em Mossoró no ano de 2021



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Essa percepção é considerada um problema de saúde pública, haja vista que a gravidez na adolescência é uma importante causa de morbidade e até mesmo mortalidade entre mães de 10 a 19 anos e seus filhos. As complicações obstétricas decorrem por diversos fatores, como a imaturidade biológica, exemplificada pelo desenvolvimento incompleto da pelve materna. Tal precocidade dificulta tanto o crescimento do feto, que ocasiona uma maior incidência de baixo peso ao nascer e de prematuridade fetal, quanto a possibilidade de parto por via vaginal, o que leva essas mães a terem seus filhos por meio da intervenção cirúrgica Cesárea, aumentando assim os riscos inerentes ao parto (Martins, 2008).

Além disso, a gravidez na adolescência possui uma máxima relação com óbitos pós-neonatais. Estudos revelam um maior índice de mortalidade no primeiro ano de vida das

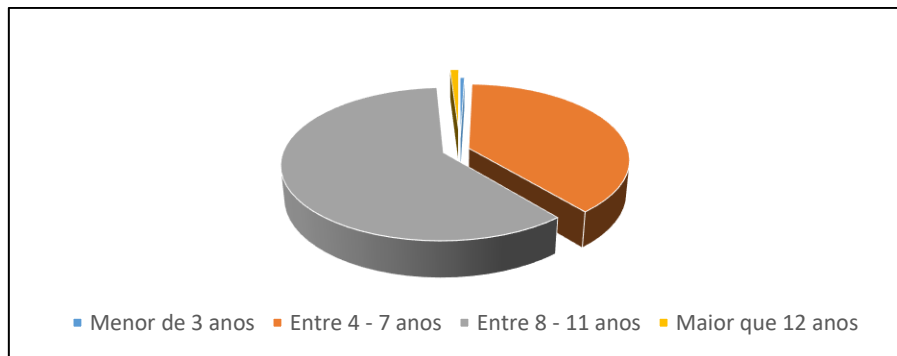
crianças, quando são filhos de mães adolescentes. Acredita-se haver uma maior dificuldade de formação do vínculo afetivo mãe-filho, o que, somado as dificuldades emocionais e a imaturidade do cuidado, podem resultar em piores desfechos da vitalidade e do desenvolvimento neuropsicomotor da criança (Brandão; Heilborn, 2006).

Outrossim é que esses estudos trazem um esclarecimento a certa de possíveis confusões de dados. Há uma teoria de que a elevada mortalidade de crianças filhas de adolescentes reflete não um “efeito-idade”, mas sim um “efeito-pobreza”. Essa tese ganha força, quando consideramos o fato de que famílias menos estruturadas econômica e socialmente possuem limitações na assistência pré e pós-natal adequada, o que interfere diretamente no grau de adoecimento e complicações de saúde tanto das jovens mães, quanto dos seus filhos (Comini; Miranda; Abreu, 2000).

No tocante ao nível de escolaridade das mães adolescentes de Mossoró, outro aspecto importante de nossa pesquisa, constatou-se que, das 385 mães adolescentes, 2 cursaram até 3 anos de escolaridade, o que equivale a 0,5% do total; 147 estudaram entre 4-7 anos, ou seja, 38,18%; e 232 cursaram entre 8-11 anos de escolaridade, aqui temos a grande maioria que equivale a 59,74% das mães adolescentes de Mossoró.

O restante dessas mães são as que concluíram o ensino médio completo. Dessa forma, percebemos que apenas 4 das mães entre 10 e 19 anos de Mossoró concluíram a educação básica, que equivale a apenas 1% do montante total, como bem demonstra o gráfico abaixo.

Gráfico 2 – Nível de escolaridade de mães adolescentes de Mossoró no ano de 2021



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Essa distribuição ressalta a predominância do baixo nível de escolarização dessas mulheres. Levando em consideração que o ensino básico brasileiro leva por volta de 12 anos para ser concluído, sendo concluído, em sua maioria por volta dos 16-18 anos de idade, vemos que as mães adolescentes em sua maioria não concluíram o ensino médio.

Elencamos aqui dois motivos plausíveis para esse baixo nível de escolaridade. O primeiro seria o fato de não terem atingido ainda a idade necessária para decorrer o tempo de ensino, o que ressalta o quão jovens essas mulheres chegam a engravidar.

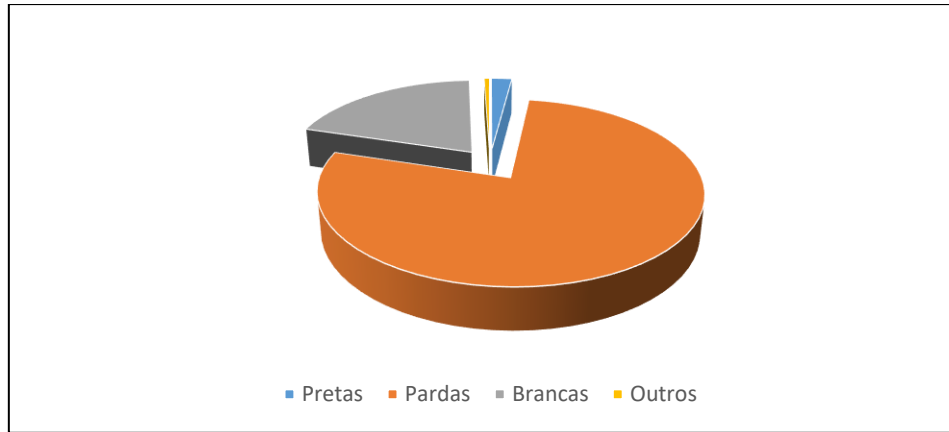
Já o segundo seria por motivos de reprovação/desistência, o que pode nos levar a concluir a existência de uma negligência para com a educação básica na vida dessas mulheres, que pode ocorrer por diversos motivos, entre eles, a dificuldade de acesso, ou até mesmo a necessidade da realização de outras tarefas.

Diversos estudos apontam que além do fato da maioria das mães adolescentes terem baixo nível de escolaridade, a gestação está fortemente associada a uma elevação na taxa de evasão escolar, o que nos mostra ser um problema a se agravar progressivamente, haja vista que por terem menos acesso à educação, persistem as diferenças econômicas e sociais, que aumentariam as taxas de gravidez na adolescência, além de prejudicar a qualidade da assistência no período pré e pós-natal (Barnet et al., 2004).

A terceira categoria que verificamos nessa pesquisa consiste na autodeclaração de raça/cor dessas mães adolescentes. Das 385 mães de nascidos vivos de Mossoró no ano de

2021, 8 mulheres se declararam pretas, o que corresponde a 2,07% das mães adolescentes. Quanto as que se autodefiniram pardas, o valor foi de 299 mulheres, que equivale a 77,66% e apenas 19,74%, ou seja, 76 mulheres se autodefiniram como sendo brancas. As demais mulheres, que correspondem a 0,53% se enquadraram em outras definições, como veremos mais bem ilustrado no gráfico abaixo.

Gráfico 3 – Autodeclaração de raça/cor das mães adolescentes de Mossoró no ano de 2021



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Ao analisarmos reflexivamente o gráfico anterior, conferimos o baixo nível de escolarização, notamos que mulheres de raça parda, estão mais vulneráveis a gravidez no período da adolescência, o que nos mostra uma fragilidade dessa população, que pode ser justificada por uma dificuldade de acesso à informação e noção de cuidados e proteção sexual. Apesar das políticas públicas que visam a educação em saúde, muitas dessas mulheres não refletem acerca das consequências da atividade sexual desprotegida (Santos; Carvalho, 2006).

Essa ilustração nos permite visualizar e corroborar algo que compreendemos ao analisar o gráfico anterior, mulheres mais vulneráveis sócio e economicamente tendem a ter um maior nível de gravidez na adolescência, o que, como já foi abordado por outros estudos, nos permite entender a ideia de “efeito-idade” e “efeito-pobreza”, haja visto que tais mulheres, com menor nível de escolaridade e pretas ou pardas, estão majoritariamente em camadas sociais menos abastadas (Comini; Miranda; Abreu, 2000).

Na identificação dos fatores de risco para gestantes e recém-nascidos, a cor de pele da mãe se mostrou associada a piores desfechos. Alguns estudos apontam que o risco de morte para crianças no período neonatal foi 1,8 vezes maior para filhos de mães de cor parda do que para aquelas com a cor de pele branca ou outros. Além disso, essas mulheres estão mais vulneráveis a casos de abandono parental, o que dificulta ainda mais o cuidado com a criança (Oliveira; Gama; Silva, 2010).

4 CONCLUSÃO

Diante desta pesquisa, verificamos que houve um elevado índice de gestação durante o período da adolescência em Mossoró, no ano de 2021. É indiscutível a preocupação que esses dados geram para a saúde pública brasileira, haja visto os prejuízos e consequências que são oriundos a partir de casos da gravidez precoce, tanto para as mães quanto para os recém-nascidos.

Tendo em vista a complexidade desse fenômeno, essa discussão não pode ocorrer distante de temas como a sexualidade prematura que reflete o contexto sociocultural nos quais essas jovens estão inseridas. Esse meio delimita as ações e crenças, por atuar na formação de personalidade e é referente a inúmeros fatores, dentre eles as questões sociais, econômicas,

educacionais e até mesmo comportamentais permeiam a constante construção do perfil desses indivíduos (Boing; Boing; Crispim, 2008).

Compreender a dinâmica que rege a construção social de adolescentes e jovens é uma via fundamental para inserir a saúde pública na discussão acerca da trajetória sexual e reprodutiva dessas jovens em diferentes segmentos sociais (Chalem et al., 2007). Por isso, fatores como nível de escolaridade e autodeclaração de raça/cor dessas mães são coeficientes tão relevantes para compreendermos a diagramação da gravidez na adolescência que ocorreu no ano de 2021 em Mossoró.

Durante o processo de coleta de dados para a produção desse artigo, notamos dificuldade devido à ausência de dados dos últimos meses do ano de 2021, haja vista a última atualização foi realizada em agosto de 2021. Essa falta de dados nos impede de obter a estimativa completa desse ano, logo, nesse estudo, não pudemos contar com os nascidos vivos dos meses de setembro a dezembro de 2021, como já salientamos no decorrer deste trabalho.

Foi possível notar que a maioria dessas mulheres não possui nem ao menos o ensino básico completo, o que mostra que a incidência de gravidez na adolescência é bem maior em mulheres com baixo nível de escolaridade, haja vista sua menor maturidade e responsabilidade acerca dos riscos e consequências da exposição sexual desprotegida.

Além disso, a grande maioria das gestantes adolescentes são autodefinidas como pardas, o que nos faz refletir acerca da vulnerabilidade dessas mulheres, tanto na questão social quanto no quesito econômico. Sem deixar de ressaltar o quanto esses fatores interferem na morbidade e na mortalidade das mães e das crianças.

Diante dos fatos expostos, é possível inferir que essa pesquisa fornece importantes subsídios para o estabelecimento de estratégias e de políticas públicas de educação em saúde, a fim de contornar esse quadro e efetivamente prevenir a exposição sexual desprotegida e com isso reduzir comportamentos de risco que podem levar a gravidez na adolescência, além da transmissão de ISTs.

É importante esclarecer que essas intervenções não devem ser apenas embasadas na transmissão de informações acerca de contracepção e de proteção às ISTs, mas deve incorporar a lógica que orienta a experimentação sexual como via principal para a inserção social e buscar tangenciar os agentes causadores desse comportamento.

Destarte, faz-se necessário não apenas a disponibilização de informação, mas estratégias de conscientização, a fim de mostrar para esses jovens oportunidades profissionais e educativas que os fariam adotar métodos eficazes para o cuidado de sua saúde sexual e um adequado planejamento familiar, haja vista, a responsabilidade e o cuidado de filhos na adolescência dificultam a ascensão social desses jovens.

Este estudo fornece dados para a realização de novas pesquisas acerca de possíveis resultados de intervenções que objetivem reduzir os índices de gravidez no período da adolescência em Mossoró-RN, além de abrir um leque de possibilidade de novas pesquisas que possam contribuir com a análises e reflexões acerca da temática em pauta, ou mesmo de novas temáticas que estejam imbricadas à saúde e o bem-estar de adolescentes, assim como de toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

BARNET, B. et al. Reduced school dropout rates among adolescent mothers receiving school-based prenatal care. **Arch Pediatr Adolesc Med.**, v. 158, n. 3, p. 262-8, 2004. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamapediatrics/fullarticle/485646>. Acesso em: 15 nov. 2023.

BOING, A.; BOING, F.; CRISPIM, A. Mortalidade infantil por causas evitáveis no Brasil: um estudo ecológico no período 2000-2002. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 24, n. 2, p. 447-455, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000200024>. Acesso em: 16 nov. 2023.

BRANDÃO, E. R.; HEILBORN, M. L. Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 22, n. 7, p. 1421-1430, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2006000700007>. Acesso em: 16 nov. 2022.

CHALEM, E. et al. Gravidez na adolescência: perfil sócio-demográfico e comportamental de uma população da periferia de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, 2007, v. 23, n. 1, pp. 177-186, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2007000100019>. Acesso em: 15 nov. 2022.

COMINI, C.; MIRANDA R. P.; ABREU, M. X. Efeito-idade ou efeito-pobreza? Mães adolescentes e mortalidade neonatal em Belo Horizonte. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 17, n. 1/2, p. 177-196, 2000. Disponível em: <https://www.rebep.org.br/revista/article/view/1970>. Acessado em: 16 nov. 2022.

HENSHAW, S. K. Teenage abortion and pregnancy statistics by state, 1992. **Fam Plann Perspect.**, v. 29, n. 3, p. 115-22, maio/jun. 1997. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/9179580/>. Acessado em: 14 nov. 2023.

HOLANDA, R. E. et al. A importância da atuação do enfermeiro frente ao diagnóstico de sífilis congênita no recém-nascido. **Revista Expressão Católica Saúde**, v. 7, n. 1, p. 20-29, 2022. Disponível em: <http://publicacoes.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/recs/article/view/15>. Acesso em: 14 dez. 2023.

LIMA-COSTA, M. F.; BARRETO, S. M. Tipos de estudos epidemiológicos: conceitos básicos e aplicações na área do envelhecimento. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 12, n. 4, p. 189-201, 2003. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742003000400003&lng=pt&nrm=iso. Acessado em: 17 nov. 2023.

MARTINS, P. C. R. et al. Gravidez na adolescência: estudo ecológico nas microrregiões de saúde do Estado do Mato Grosso do Sul, Brasil - 2008. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 91-100, jan./mar. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742014000100009>. Acessado em: 14 nov. 2023.

OLIVEIRA, E. F. V.; GAMA, S. G. N.; SILVA, C. M. F. Passos da Gravidez na adolescência e outros fatores de risco para mortalidade fetal e infantil no Município do Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 26, n. 3, p. 567-578, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2010000300014>. Acessado em: 16 nov. 2023.

SANTOS, A.; CARVALHO, C. V. Gravidez na adolescência: um estudo exploratório. **Bol. psicol**, São Paulo, v. 56, n. 125, p. 135-151, 2006. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432006000200002&lng=pt&nrm=iso. Acessado em: 14 nov. 2022.

YAZLLE, M. E. H. D. Gravidez na adolescência. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 28, n. 8, p. 443-445, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-72032006000800001>. Acessado em: 14 nov. 2023.